

# Sobre o espaço dos prácritos na tradição gramatical indiana

Adriano Aprigliano

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP)

darawam@yahoo.com.br

**Abstract.** *The text reinterprets the position of sanskrit and prakrits in ancient indian culture through the relations between grammar, ritual science e poetics.*

**Keywords.** *sanskrit grammar; prakrit grammar; saṁskāra; alaṁkāra.*

**Resumo.** *O texto tenta reinterpretar a posição do sânscrito e dos prácritos na cultura indiana antiga, através das relações entre gramática, ritualística e poética.*

**Palavras-chave.** *gramática sânscrita; gramática prácrita: saṁskāra; alaṁkāra.*

## 1. Introdução

Aqueles que se iniciam no estudo do sânscrito são, desde as primeiras aulas, informados de uma oposição lingüística de base, referente aos falares da Índia antiga: há o sânscrito e há os prácritos. Do ponto de vista da lingüística, sânscrito e prácritos são membros do ramo indiano da família indo-européia, sendo o sânscrito classificado como indiano antigo e os prácritos, como indiano médio. Os prácritos, para a lingüística, não são desenvolvimentos a partir do sânscrito, mas ambos – sânscrito e prácritos – seriam desenvolvimentos de variantes dialetais do sânscrito védico, que é o estágio lingüístico do ramo indiano da família indo-européia mais antigo de que se tem notícia textual (os hinos do *Veda*, séc. XV a XII a.C.). Portanto, para a lingüística, a relação entre o sânscrito e os prácritos não é uma relação de paternidade, mas é algo mais como uma relação entre o irmão mais velho e os irmãos mais novos. Em verdade, pode se dizer que os prácritos são irmãos mais novos do sânscrito, devido a certas condições especiais (e extralingüísticas, vale dizer) que afetam tanto ao sânscrito quanto aos prácritos. Em primeiro lugar, o registro textual que se tem dos prácritos é mais recente: enquanto há documentos em sânscrito desde o séc. X a.c. (*Brāhmaṇās*, descontando os *Veda*), os primeiros documentos prácritos datam do séc. V/IV a.c.. (primeiros textos do cânone budista e jinista, inscrições de *Aśoka*). (Veja que, se o português só tivesse sido atestado textualmente a partir do séc. XVI, não seria lingüisticamente cem por cento preciso dizer que ele fosse um irmão mais novo do espanhol). Em segundo lugar, ao sânscrito é concedido valor e espaço especiais na cultura indiana antiga, e esse fato vai influir no seu desenvolvimento *lingüístico*.

## 2. Sanscritidade

A expressão *língua de cultura* é bem conhecida de todos. Já ouvimos falar de algumas; também temos as nossas. A koiné, o latim, o francês, o inglês de hoje; o árabe e o persa, no oriente médio e cercanias; o chinês para o Japão antigo, todas essas

línguas, em algum momento gozaram – deixando de lado a particularidade de cada situação – o status de língua de cultura. No caso do sânscrito, vejamos a particularidade da situação. Os documentos textuais mais antigos do sânscrito (nesse caso, podemos incluir o sânscrito arcaico ou *védico* dos *Veda*) são documentos produzidos por apenas um dos grupos sociais existentes na Índia antiga: a classe sacerdotal dos brâmanes. Ademais todos esses documentos estão circunscritos, de uma maneira ou de outra, à esfera religiosa ou ritualística. É uma vastidão de textos que tratam de tudo aquilo considerado significativo, em última instância, para a manutenção da ordem do mundo, segundo a visão bramânica. Desde os hinos dedicados às antigas divindades *ārya*, passando pela reviravolta completa do valor do sacrifício, a que se assiste nas *Upaniṣad*, até chegar ao Hinduísmo “ecumênico” da *Bhagavadgītā*, tudo será apropriado pela perspectiva bramânica e organizado sob a forma mais ou menos variante, porém fortemente hierárquica, de um cânone de cultura – se podemos chamar assim – que gozará de status hegemônico, na história do subcontinente indiano, até tempo bem recente. A essa massa textual, cujo escopo é controlado pela ideologia bramânica, creio que não se poderia chamar “Indianidade”, mas será mais justo classificá-la de *Sanscritidade*. Isso não só porque os textos são em sânscrito, mas porque têm que ser *sânscritos*.

## 2.1 Saṁskāra (sam-s-kr)

Como já foi mencionado, as partes mais antigas do *corpus* textual sânscrito estão associadas, culturalmente, a tudo que concerne ao universo ritualístico. Portanto, são textos cuja composição e manipulação está em mãos de iniciados e cujo espaço de uso ou emprego é um espaço *consagrado*. É comum a muitas religiões (talvez a todas elas) que o espaço ritual, os objetos ritualísticos e o oficiante do rito recebam uma preparação especial que os torne aptos a participar dos afazeres do sagrado: que de fato sejam infundidos de um estado consagrado que dura o tempo da realização do rito. Essa consagração é, pois, um rito preparatório que precede o ato sacrificial propriamente dito; ela tem a função de instituir as condições necessárias para o rito. Vejamos um exemplo:

*keśaśmaśru vapate nakhāni ni kṛntate mṛtā vā eṣā tvag amedhyā yat keśaśmaśru mṛtām eva tvacam amedhyām apahatyā yajñiyo bhūtvā medham upaiti (...)/ [Taittirīyasamhitā 6.1.1.2]*

[O oficiante] corta cabelo e barba e apara as unhas, que são pele morta, imprópria para o rito. Ao livrar-se do cabelo, barba e dessa pele morta imprópria para o rito, [ele] se torna apropriado para o rito e então pode lhe dar início (...).

Em sânscrito essa consagração é chamada de *saṁskāra*. E aquilo que passou por um *saṁskāra* recebe o qualificativo de *saṁskṛta*, sânscrito. No trecho citado há uma boa glosa do que é ser *saṁskṛta*: no ambiente ritualístico, o *saṁskāra* faz o oficiante *yajñiya*, “apropriado para o rito”, ou seja, prepara-o para o rito. Observando o uso do termo *saṁskāra* nos textos sânscritos, embora seus empregos mais antigos estejam justamente relacionados ao campo do rito, pode se depreender dele um sentido geral de *preparo/preparação*. Esse sentido geral, não especializado, podemos encontrá-lo explicado e.g. na *Kāśikāvṛtti*, um dos comentários da gramática de *Pāṇini*.

*sata utkarṣādhānam saṁskāraḥ / [Kāśikāvṛtti 1.367.438]*

*saṁskāra* [significa] infundir uma qualidade em alguma coisa.

O contexto é a explicação semântica de um adjetivo, *bhrāṣṭra*, que aparece na gramática:

*bhraṣṭre saṁskṛtā bhakṣā iti bhrāṣṭrāḥ* /\* [a partir de *Aṣṭādhyāyī* 4.2.16]  
*Bhrāṣṭra* [significa] alimentos preparados (*saṁskṛtā*) numa frigideira (*bhraṣṭra*).

Vemos que *saṁskṛta*, aí, está traduzido apenas como *preparado*. É um adjetivo, pois, cuja especialização de sentido vai depender do objeto a que estiver aplicado. No caso da *saṁskṛtā bhāṣā*, o sânscrito, a fala sânscrita, para que lado deverá pender a balança da especialização? Ser *saṁskṛta* é ter que tipo de qualidade especial; é ter passado por que espécie de *preparação/ saṁskāra*?

## 2.2 Vyākaraṇa (vy-ā-kr)

Segundo os gramáticos do sânscrito, o objetivo do saber que lhes compete, do *vyākaraṇa*, termo que se costuma traduzir por gramática, é uma *separação, distinção, discriminação*. Pois este é justamente o sentido da palavra *vyākaraṇa*. Ela é formada pela raiz *-kr* (fazer), prefixada de *vi-*, que dá a noção de desdobramento ou desmembramento, e *-ā-*, com valor de proximidade. Daí o costume de se traduzir, pelo critério etimológico, *vyākaraṇa* por análise. Essa segunda esfera de sentido está mais bem representada pela segunda expressão também usada pelos gramáticos para nomear sua disciplina: *śabdānuśāsana*. Os gramáticos vão dizer que *śabda-anuśāsana* é um nome que significa o acordo de suas partes (*anvartham nāma*), o qual descreve o que é *vyākaraṇa* e é sinônimo de *vyākaraṇa*. *śabdānuśāsana* significa “explicação do *śabda*”, e explicar o *śabda*, que é a palavra ou qualquer forma lingüística e, em sentido geral, a linguagem, é, para os gramáticos do sânscrito, *dividi-la, separá-la, analisá-la, discriminá-la*. Mas pretendem discriminar o quê, distinguir o que de quê?

*viviktāḥ sādhaḥ śabdāḥ prakṛtyādivibhāgato jñāpyante yena tac chāstram atra śabdānuśāsanam* | [*Padmamañjarī* 1.7]

A ciência que faz conhecer discriminadamente as formas lingüísticas corretas, a partir da divisão entre bases e afixos, [se chama] *śabdānuśāsana*.

Se há formas lingüísticas corretas, deve haver as incorretas e, de fato, essa oposição está evidenciada em outros textos: há os *sādha śabdāḥ* e os *a-sādha śabdāḥ*, ou seja, os *nāo-sādhu, nāo-bons, in-corretos*. Se esses dois tipos de forma precisam ser distinguidos, isso significa, primeiro, que em algum lugar eles estejam juntos; segundo, que em algum lugar eles não possam estar juntos. Os *sādha* e *asādha śabdāḥ* estão juntos no plano laico; não podem estar juntos no plano ritual, no plano consagrado:

*evam ihāpi samānāyām arthagatau śabdena cāpaśabdena ca dharmaniyamaḥ kriyate śabdenaivārtho ‘bhīdheyo nāpaśabdenety evam kriyamānam abhyudayakāri bhavatīti* | [*Mahābhāṣyam*, 1.8.20-22]

De fato, concorrem para o mesmo sentido a forma correta como a incorreta. Faz-se, então, uma restrição (*niyama*) [ao uso] visando o *dharma*: o sentido deve ser expresso pela correta, não pela incorreta. Agindo assim, um se torna feliz/próspero.

(...) *yajñe karmaṇi sa niyama iti* | [*Mahābhāṣyam*, 1.11.11]

Essa restrição [se aplica] aos atos ritualísticos.

Portanto, como tudo aquilo que participa do ritual, também a linguagem deve ter o seu *saṁskāra* próprio, que a torna apropriada ao ato ritual: o *vyākaraṇa*, a gramática. Mas que propriedade ou qualidade a linguagem recebe a partir do *vyākaraṇa*?

*saṁskāro vyākaraṇajanyā śuddhis (...)* | [Mallinātha ao Kumārasambhava 1.28; todos os exemplos acima *apud* CARDONA, v. ref.]

O *saṁskāra* [da linguagem ou do discurso] é a pureza (*śuddhi*) que é produto do *vyākaraṇa*.

Fique claro, entretanto, que essa pureza é fruto de uma *discriminação*. O *saṁskāra* da linguagem é particular, nesse aspecto, em relação aos outros: ele promove não a transformação de um estado, mas uma *manutenção*. Há um *śabda*, – linguagem –, no qual caminham lado a lado as formas *sādhava* e *asādhava*, e o conhecimento da gramática é o que torna um capaz de reconhecer e discriminar, por meio da divisão entre base e afixos (*prakṛtyādivibhāgataḥ*, v. exemplo acima), as formas que são apropriadas para o rito – as formas *saṁskṛta* – das que não são.

Discutir o que determina a *sanscritidade* das formas alongaria este artigo além do limite permitido. Para resumir, podemos adiantar que a gramática sânscrita se funda, em princípio, sobre a fala culta, que é, na Índia antiga, identificada com fala dos brâmanes. Porém, o sentido de ordem e perenidade do rito tem, já desde o início, influxo nas concepções bramânicas sobre a linguagem: a linguagem que institui a ordem cósmica é eterna como a ordem cósmica. A gramática, que nascera descritiva (com *Pāṇini*), se tornará, com os séculos, um instrumento de manutenção e perenização das *formas* lingüísticas que foram transmitidas pela tradição como *saṁskṛta*: sânscritas. Isso, porém, não faz do *vyākaraṇa* um saber apenas normativo, uma vez que o *saṁskṛta* será sempre uma *bhāṣā* – fala – que é identificada, com certo grau de idealização e alto grau de ideologização, com a fala dos brâmanes do *āryavarta* ou País dos Árias, região geográfica real e ideal onde a vida bramânica conservaria sua pureza. Tendo em vista esse contexto especial, que espaço resta aos prácritos na gramática indiana, uma vez que da gramática do sânscrito, como vimos, aqueles *asādhava śabdāḥ* estão excluídos desde o início?

### 3. Prakṛti (pra-kr̥)

É curioso observar que o sentido geralmente dado pelos estudiosos ocidentais à palavra *prakṛta* não é o mesmo que se observa nos gramáticos dos prácritos. Em geral, dentro de uma abordagem didática, fala-se, entre nós, de uma oposição *língua culta* (o sânscrito) vs. *falares populares* (os prácritos), oposição essa que é calcada na etimologia dos termos *saṁskṛta* e *prakṛta*, entendidos como *bem feito*, *refinado* e *natural*, *sem forma*, *sem trato*. Porém, assim como dizer que é *bem feito* ou *perfeito* (*saṁ-s-kr̥-ta*) não é suficiente para entender como os *vaiyākaraṇa* (os gramáticos) entendem seu objeto (o sânscrito), da mesma forma deve haver algo mais nos *prakṛtāḥ*, além de formas sem forma. É instrutiva a concordância dos gramáticos dos prácritos e comentadores sobre um ponto:

*prakṛtiḥ saṁskṛtam* | *tatra bhavam tata āgatam vā prakṛtam* | [Hemacandra 1.1]

*prakṛtiḥ saṁskṛtam* | *tatrabhavam prakṛtam ucyate* | [Mārkaṇḍeya fol. 1]

*prakṛter āgatam prakṛtam* | *prakṛtiḥ saṁskṛtam* | [Dhanika ao Daśarūpa 2.60]

*prakṛteḥ saṁskṛtād āgatam prakṛtam* | [Siṁhaddevagaṇin]

*prakṛtiḥ saṁskṛtam* | *tatrabhavatvāt prakṛtam smṛtam* | [Prākṛtacandrikā]

*prakṛteḥ saṁskṛtāyās tu vikṛtiḥ prakṛtī matā* | [Prākṛtaśabdapradīpikā p. 1]

*prakṛtasya tu sarvam eva saṁskṛtam yoniḥ* | [Prākṛtasañjivani; exemplos *apud* PISCHEL, v. ref.]

Nessas definições “oficiais” de *prākṛta*, basicamente o que se diz é “há uma base ou matriz (*prakṛti*) e essa base é o sânscrito (*saṃskṛta*), aquilo que provém ou se origina dessa base (*prakṛti*) é chamado prácrito (*prākṛta*)”. O que essas definições não podem fornecer em informações lingüísticas, elas mais que compensam em dados culturais. Com a inclusão do conceito de *prakṛti* (base, matriz, por um lado; natureza, por outro), que tem longa história na literatura sânscrita ritualística e especulativa, os gramáticos dos prácritos reorganizam a relação binária dos gramáticos do sânscrito entre as formas corretas e incorretas. A unidade do *śabda*, que já era aceita pela gramática sânscrita, será duplamente entendida, na gramática prácrita, a partir daquele conceito: o prácrito, além de *ter se originado* no sânscrito, será também considerado a língua *das origens* e identificada, por alguns, com a língua dos *ṛṣi*, os primeiros sacerdotes-poetas que ouviram a revelação dos *Veda* (*śruti*). Dessa forma, os prácritos tem estabelecidos seus certificados de nobreza e autoridade, mas se eles não são “apropriados para o rito”, qual é o seu contexto apropriado?

### 3.2 Alamkāra (alam-kr)

Já foi mencionada a antigüidade das variantes do indiano médio: aqueles textos datáveis a partir do séc V a.C.. Os textos gramaticais que tratam deles são, contudo, muito posteriores. O *Nāṭyaśāstra*, o mais antigo tratado indiano de artes de representação (séc. II a.C.), já apresenta uma prescrição para o uso dos prácritos no teatro, mas grande parte dos textos propriamente gramaticais são posteriores ao séc. X d.C. Este é um sinal importante, pois a gramática prácrita permanecerá sempre em estreita relação com os tratados de poética (*alamkāra-śāstra*): assim como a pureza do sânscrito, que é produto do *saṃskāra* particular da linguagem – o *vyākaraṇa* –, é a propriedade que o prepara o rito, o consagra, da mesma forma, parece que são certas propriedades dos prácritos que os tornam apropriados para o discurso poético, *ornado* (*alamkṛta*):

*analpārthaḥ suhoccāraḥ śabdaḥ sāhityajīvitam |  
sa ca prākṛtam eveti mataṃ sūtrānuvartinām || [Prākṛtavvyākaraṇa 1.5]*

Uma palavra de sentido rico e belo som é a vida da poesia; essa palavra é também a prácrita (*prākṛta*), na visão dos que seguem os *sūtra* [regras da gramática].

Portanto, se o *vyākaraṇa* do sânscrito se guiava pela ética do sacrifício, o *vyākaraṇa* dos prácritos parece ter em vista a *ética poética*, do *kāvya* (*sāhitya*, do exemplo acima, é um sinônimo). Essa sugestão – pois que temos acesso a um número ainda escasso de evidências textuais – parece ser corroborada pelo desenvolvimento histórico-social dos falares no subcontinente indiano. Enquanto o sânscrito vai cada vez mais se circunscrevendo ao âmbito do ritual e dos tratados de ciência, o espaço das artes vai, na mesma medida, acolhendo os prácritos. Porém, essa acolhida, se representa uma perda de espaço do sânscrito, não representa, por outro lado, perda de prestígio: a língua sagrada e eterna vai emprestar o seu prestígio aos prácritos: empresta-lhe sua gramática e seus epítetos. No campo das artes, os prácritos podem se equiparar ao sânscrito: pela força do discurso poético, os prácritos podem ser *sānscritos* a sua maneira, pois vale lembrar que os *ṛṣi* eram, também, *kavi* (poetas):

*prākṛtaṃ cārṣam evedam yad dhi vālmikisikṣitam |  
tad anārṣam bhaved yo vai prākṛtaḥ syāt sa eva hi || [Śambhurahasya 24; exemplos acima apud NITTI-DOLCI, v. ref.]*

O prácrito é a língua dos rsi, eis o que *Valmiki* ensina;  
Quem [pensa] que não é, pois que seja ele chamado *sem trato* (*prakrta*).

### Referências

- CARDONA, G. Appendix II. Terms for the language described and for the grammar and its components. in *Panini, his work and its traditions*. Delhi, MLBD, 1997.
- DESHPANDE, M. Sanskrit and Prakrt: Some Sociolinguistic Issues. in *Sanskrit and Prakrit: Sociolinguistic Issues*. Delhi, Motilal Banarsidass, 1993, p. 1-16.
- \_\_\_\_\_. Loka: The Linguistic World of Patañjali. in *Sanskrit and Prakrit: Sociolinguistic Issues*. Delhi, Motilal Banarsidass, 1993, p. 17-32.
- KIELHORN, F. *The Vyakarana-Mahabhasya of Patanjali, vol. 1*. Puna, BORI, 1985.
- NITTI-DOLCI, L. *Les grammairiens prakrits*. Paris, Adrien-Maisonneuve, 1938.
- PISCHEL, R. *Comparative Grammar of the Prakrit languages*. Delhi, Motilal Banarsidass, sd.
- SUBRAHMANYAM, K. *The Vakyapadiyam of Bhartrhari: Brahmakanda*. Delhi, Sri Satguru Publications, 1992.